

Se não fizermos uma crítica ecológica às tecnologias e indústrias do espírito, se não mostrarmos que a exploração ilimitada dos espíritos como mercados conduz a uma ruína comparável à que [os imperialismos de todo tipo] foram capazes de criar [em sua depredação inconsciente], inevitavelmente nos dirigiremos a uma explosão social global, ou seja, à guerra absoluta. Hoje essa explosão é iminente. Todos nós sabemos e tememos isso, mas também o reprimimos e negamos, a fim de seguir vivendo com dignidade [*dignement*]. No entanto, já não é mais possível continuar reprimindo: na etapa em que entramos, isso se converte, precisamente, em algo indigno [*indigne*] e literalmente covarde. (pp. 5-6)

Coda

Com sua lógica do capital e a tirania do número, a cultura virtual nos submete cada vez mais ao império do algoritmo, o qual – com sua velocidade, seu imediatismo e seu automatismo – impede o trabalho necessário para injetar o sentimento nas coisas e cultivar Eros. Desse modo, vivemos numa realidade apática e ao mesmo tempo opressora, que se traduz na trágica e inútil busca de sentido. Segundo Han (2021), obcecados com a informação e os dados, vamos nos intoxicando com a comunicação, atacados pela infomania.

Como tudo é reduzido à informação, e a informação é transparente, desaparece de seu âmbito tudo aquilo que não seja transparente. Nesse sentido, a ordem digital esteriliza a existência humana e elimina toda opacidade. Quando tudo se converte em dado, já não é necessário o processo metabólico para transformar a informação em experiência, para cultivar a própria subjetividade.

Com efeito, trata-se de uma perda lamentável. No entanto, sendo fiéis à natureza farmacológica do digital, não seria preciso nos perguntar se essa perda não está nos escondendo uma nova abertura, um novo horizon-

te ou mesmo novas possibilidades de sentido, que ainda não podemos imaginar? Em todo caso, qual seria a nova dosagem necessária para que o fármaco não se torne veneno?

Referências

- Agamben, G. (1993). *Infancy and history: essays on the destruction of experience*. Verso. (Trabalho original publicado em 1979)
- Benjamin, W. (2003). *La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica*. Itaca. (Trabalho original publicado em 1936)
- Flusser, V. (2017). *El universo de las imágenes técnicas: elogio de la superficialidad*. Caja Negra. (Trabalho original publicado em 1985)
- Han, B.-C. (2021). *Non-things*. Polity.
- Heidegger, M. (1960a). La época de la imagen del mundo. Em M. Heidegger, *Sendas perdidas*. Losada. (Trabalho original publicado em 1950)
- Heidegger, M. (1960b). ¿Para qué ser poeta? Em M. Heidegger, *Sendas perdidas*. Losada. (Trabalho original publicado em 1950)
- Hyde, L. (1983). *The gift: imagination and the erotic life of property*. Vintage Books.
- Sardello, R. & Severson, R. (1983). *Money and the soul of the world*. The Pegasus Foundation.
- Stiegler, B. (2010). *Technics and time, 3: cinematic time and the question of malaise*. Stanford University Press. (Trabalho original publicado em 2001)
- Stiegler, B. (2013). *What makes life worth living: on pharmacology*. Polity.
- Stiegler, B. (2019). *The age of disruption: technology and madness in computational capitalism*. Polity.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

Calibán -
RLP, 21(1),
223-227
2023

Victoria Brocca*

Masculinidades violentas e erótica criminal no tsunami neoliberal

Nos últimos anos, presenciamos no México um aumento dos níveis de violência. Esse fenômeno, em princípio, como espero mostrar, está vinculado às mudanças ocorridas na economia global e local. No entanto, também, as falidas estratégias de segurança e combate ao narcotráfico seguidas pelos governos – em particular, desde 2006, com a chamada guerra contra o narcotráfico instrumentada pelo então presidente Felipe Calderón Hinojosa – desembocaram em uma espiral crescente de violência que cada vez mais afeta segmentos da população alheios a essa dinâmica.

Esse fenômeno se vê acompanhado da tendência a transformar em espetáculo atos criminosos cometidos pela delinquência organizada, destinado a amedrontar a população, particularmente no que se refere aos feminicídios, que são funcionais a essa lógica depredadora; imagens que são difundidas pelos meios de comunicação massivos e que revelam, além das falhas na administração de justiça, os descuidos de uma sociedade que não garante a segurança das mulheres (Berlangua, 2018, p. 91).

O uso do terror não é novo. Trata-se de uma ferramenta empregada desde tempos imemoriais como recurso na guerra ou em regimes autoritários. No nosso continente, tivemos muitas mostras disso, antes e depois da conquista espanhola. No século XX, a ditadura instaurada no Chile por Augusto Pinochet em 1973 é um exemplo; como um pouco antes foi na Guatemala, na década de setenta e parte dos anos oitenta, a prática genocida

exercida a partir do Estado contra a população indígena.

O experimento chileno serviu para instaurar, à base de baionetas, o modelo neoliberal que pouco depois se estenderia a todo o planeta para reconfigurar as economias com modelos de produção flexível e que desembocaram, por um lado, em excedentes de mão-de-obra que o sistema produtivo não foi capaz de absorver e, por outro, na deslocalização e des territorialização da produção. Processo que foi acompanhado de uma progressiva redução do papel do Estado na economia em benefício exclusivo da lógica do mercado (Brocca, julho de 2016).

A recolocação da economia mundial foi possível também por conta do progressivo desmantelamento dos direitos trabalhistas, que fertilizou o terreno para que, com a instauração de estados de exceção, de enorme ambiguidade legal, como analisou e teorizou Agamben (2003/2005), muitas vidas consideradas descartáveis fossem arrasadas pela violência exercida a partir do interior ou fora do aparelho estatal, em uma zona obscura onde quem representa a lei muitas vezes se confunde com os criminosos que supostamente combate.

Outro fenômeno que assistimos no México é a imbricação da economia legal com a economia criminal, e a transnacionalização das atividades dos grandes cartéis que abarcam e lucram com atividades legais do setor formal da economia, não só para a lavagem de capitais, senão no setor extrativista: roubo de combustíveis, madeira, minerais, além de gerenciar tra-

* Escritora e dramaturga.



Sophie Calle
The Sleepers - Jean-Yves Le Gavre | Les Dormeurs - Jean-Yves Le Gavre, 1980
 © Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

balho forçado, tráfico de mulheres e crianças, sequestro e extorsão de imigrantes, entre outros ramos que incluem todos os delitos contemplados por marcos internacionais relacionados com a segurança, exceto o descarte de materiais tóxicos, sobre o qual a delinquência organizada italiana ainda conserva o monopólio.

Por outro lado, assistimos na esfera social ao desmoronamento do tecido comunitário, não só porque a violência se traduziu na expulsão ou no abandono de territórios por parte de suas populações, senão porque também o individualismo fomentado pelo novo modo produtivo resultou no fato de que a relação social seja estabelecida a partir do consumo, eixo da economia neoliberal, e entre consumidores que intercambiam produtos, tanto na vertente legal como ilegal, como no narcotráfico.

A isso se somou o desaparecimento e execução por parte do crime organizado das vozes mais críticas dentro do jornalismo que buscaram difundir os fatos dessa guerra sangrenta. O México ocupa um dos primeiros lugares no mundo nesse quesito. De acordo com a organização Repórteres sem fronteiras (25 de agosto de 2022), em dez dos catorze assassinatos de jornalistas registrados até hoje durante este ano, a morte está associada ao exercício da sua profissão.

Os capangas ou pistoleiros utilizados pelas máfias criminosas para executá-los e silenciá-los são também o braço executor de muitos dos crimes cometidos por essas quadrilhas contra seus rivais ou a população em geral, em sua busca por maximizar lucros. Apesar de haver proliferado os relatos sobre as figuras mais visíveis desses grupos, há pouca investigação sobre o que impulsiona esses agressores e quais são os mecanismos que incidem em sua inserção na engrenagem criminal.

Sayak Valencia (2010) se referiu a essas pessoas com o termo *endriagos*, a partir de uma figura literária que designa um ser monstruoso, empregada por Lope de Vega, e de um modelo de produção flexível que no novo modo de produção faz deles uma espécie de proletariado precarizado de que se valem as engrenagens criminosas, particularmente os grupos do narcotráfico. Grupos em que o uso da violência extrema como recurso de neoempoderamento opera para a visibilização dos crimes onde se estampam nos corpos a marca distintiva do grupo e, simultaneamente, como parte da competição no interior das organizações onde esses sujeitos transitam, seja para morrer ou para ir ascendendo na hierarquia. Eles e suas corporalidades descartáveis garantem o funcionamento dos pactos com o neoliberalismo patriarcal e seus objetivos.

A emergência dessas práticas violentas criminosas se inscreve na lógica capitalista neoliberal por parte de quem as perpetuam e é acompanhado de uma série de produtos da indústria cultural que, através do cinema, da música e da literatura (e da própria imprensa policial), cumprem a função de instaurar, legitimar e reproduzir identidades violentas ou inclusive criminosas (Valencia, 2018).

O poder retoma símbolos e características existentes no imaginário coletivo que refletem os preconceitos latentes, a fim de construir um sujeito social como negativo e diferente (Feierstein, 2008).

Esse regime de controle, produção e sedução consumido na contemporaneidade de forma estetizada é uma maneira de dar continuidade à instrumentalização da violência. A produção, distribuição e consumo massivo de imagens violentas transmitidas por diversos meios é uma das ferramentas mais efetivas do conglomerado capitalista e necropatriarcal para instituir, distribuir e normalizar as violências contemporâneas aplicadas sobre o corpo social. Entrecruzam-se aí três regimes: o soberano, o disciplinar e o neoliberal, que contam com ferramentas de controle e exploração vinculadas com a necropolítica (Mbembe, 2006), a biopolítica (Foucault, 1975/1978) e a psicopolítica (Valencia e Sepúlveda, 2016, pp. 78-79).

O propósito da psicopolítica, em particular, é apagar a subjetividade e eliminar a singularidade, mediante o reforço de hierarquias estabelecidas com base na diferenciação racial, de classe e de gênero.

Diversos estudos sobre masculinidade, feminicídio, crimes e narcocultura foram desmontando o subtexto de gênero do crime organizado, em particular do narcotráfico, que se sustenta e desenvolve a partir de ideologia, identidades, práticas e relações de gênero, que são elementos fundamentais que o definem e permitem sua reprodução, através do recrutamento de sujeitos desde a puberdade ou adolescência, que vão adquirindo capital

econômico (dinheiro, armas, joias) e capital simbólico (heterossexualidade à prova de balas, disponibilidade de mulheres, respeito dos pares, influência social), mas que também devem demonstrar continuamente sua virilidade com ousadia, valentia, controle emocional e indiferença ao perigo em relação a si mesmo ou aos demais (Núñez Noriega, 19 de fevereiro de 2020).

Um mundo onde se replica de modo grotesco a lógica cruel do regime capitalista neoliberal, não só na figura dos chefões, capangas, mulheres pistoleiras ou *buchonas* (amantes aspirantes a esposas dos narcotraficantes) e na construção de suas identidades *endriagas*, mas também nos métodos com que operam, que replicam a maximização de lucros e eficiência com o mínimo custo, não só na produção, mas também na forma de proceder com os resíduos, como relatam alguns deles no processo de executar, fragmentar e dissolver os corpos. Processo que em muitas ocasiões envolve começar a desmembrar as vítimas ainda vivas com motosserras, jogar as vísceras aos animais e dissolver os corpos em ácido (García, 2018, p. 48).

Em *Contrapedagogías de la crueldad*, Rita Laura Segato (2018) refletiu sobre esses eixos também, cujo fundamento se baseia na coisificação da vida e sua transformação em mercadoria.

O machismo ocupa o centro de como se constrói a identidade masculina hegemônica, como revelam as entrevistas realizadas a ex-narcotraficantes por Karina García (2018). Uma das características centrais dessa masculinidade é a execução de ações violentas, por meio das quais, além de conservar a própria vida, são respeitados, ganham dinheiro e atingem um status tanto no interior dos grupos como socialmente, por seu poder de consumo.

Nesse horizonte, o futuro não existe, só a morte está sempre presente. E é a ela que alguns deles oferecem vítimas sacrificiais -que incluem crianças-, torturadas antes de serem executadas em rituais de sangue.

Essa série de “saberes” foi desenvolvida no México, no início, pela facção dos Zetas, constituída por ex-militares mexicanos pertencentes a grupos de elite, treinados nos Estados Unidos para combate antiguerrilha e que, depois de desertar do Exército, passaram a integrar a equipe de proteção de Juan García Ábrego, líder do Cartel do Golfo e hoje preso nos Estados Unidos. A esse grupo se somaram também elementos do Exército guatemalteco, pertencentes a grupos especiais treinados em contrainsurgência, conhecidos como *kaibiles* (Fuentes Díaz, 2012, p. 42).

Na Guatemala, foram os *kaibiles* que treinaram, em determinado momento, os chamados pelotões da morte utilizados no país nas práticas genocidas contra a população indígena, especialmente contra as mulheres. Para demonstrar virilidade, certos rituais eram importantes com o objetivo de provar sua potência sexual, mas, ao mesmo tempo, os laços entre homens estabeleciam um pacto de cumplicidade selado com o silêncio (Paz Bailey e Figueroa, 2014).

Aí, como pouco a pouco veio à luz, aplicou-se para sua formação uma pedagogia da crueldade aos jovens camponeses e indígenas recrutados à força, algo que mudou suas vidas e de suas vítimas para sempre.

Nos eixos da sua formação, a masculinidade e os valores associados a ela – a repressão de sentimentos e a apropriação do corpo das mulheres – foram usados como ferramentas para configurar sua nova identidade e senso de identificação com o grupo.

Torna-se revelador como dois ex-recrutas relatam o estupro de uma prostituta, seu assassinato e desaparecimento, na Guatemala, durante o treinamento que tiveram com os *kaibiles*:

Duas moças, prostitutas, passeavam pelo parque. [...] Recebíamos as ordens de um sargento [...]. Tragam essas putas!, gritou. Seis soldados foram atrás delas, as trouxeram carregadas, as colocaram no quartel e tiraram toda a roupa delas. Uma delas foi levada à cozinha, e a outra, ao quintal. A

cozinha conseguiu escapar. O próprio sargento ordenou a todos os soldados fazer uma fila, para passar, um por um, sobre a [outra] prostituta. (Paz Bailey e Figueroa, 2014, parágrafo. 44)

A maioria das violações sexuais aconteceram quando se intensificou o genocídio e se exacerbou a violência, especialmente no final da década de setenta e início dos anos oitenta.

Em um conflito armado na Guatemala que durou 36 anos e que terminou em mais de 150.000 execuções extrajudiciais e 45.000 desaparecidos. E onde a violação sexual foi usada pelo Estado para destruir a continuidade biológica, social e cultural do povo maia, através do corpo das mulheres (Fulchiron, 2016).

Outro elemento que contribuiu para a construção da outredade para legitimar o terrorismo de Estado e que esses jovens executassem massacres e chegassem a estuprar mulheres em suas próprias comunidades girou em torno da figura do “índio”, termo com que ficou marcada a população na conquista espanhola, e o conceito de inimigo interno, como foram chamados os dissidentes do regime no combate por parte do governo guatemalteco contra o comunismo, durante os anos da Guerra Fria.

Como parte do seu disciplinamento, “os recrutas forçados foram obrigados a viver em um ambiente de medo e obediência [...] em uma situação de desamparo” (Paz Bailey e Figueroa, 2014, parágrafo 28). José, um deles, narra: “O que nos davam para ser valentes, era que nos davam carne e sangue de cachorro [...] porque se diz que o cachorro nunca retrocede, que o cachorro sempre vai em frente” (parágrafo 38).

Também nesses depoimentos é possível ler o medo e a crueldade com que foram tratados como parte do seu treinamento.

A atrocidade sobre o corpo, que pode ser lida como um esvaziamento da vida, é um assunto decididamente político, como se pode notar ao longo destas páginas. E o Estado é um dos atores fundamentais dessa estratégia

depredadora, seja por omissão, cumplicidade ou revitimização e exibição da sua pedagogia da crueldade para “ensinar” a população sobre as leis não escritas do pacto patriarcal que o mantém, através de uma construção binária e racializada de gênero.

É urgente que se tomem medidas de prevenção e fortalecimento dos laços sociais, tanto no âmbito público como no da sociedade civil, para desativar essas dinâmicas de agenciamento violento, tanto no âmbito familiar como no interior das comunidades, sobretudo com as populações de crianças e jovens, bem como a implementação de medidas de proteção e cuidado para as mulheres. É necessário aprofundar também a investigação dos detonantes dessas dinâmicas que conformam masculinidades violentas para desativá-las. Uma tarefa que, sem dúvida, somente poderá render frutos a longo prazo, mas que se torna impostergável para semear um melhor horizonte de convivência e respeito na nossa América.

Referências

- Agamben, G. (2005). *Estado de exceção: Homo sacer, 2, 1*. Adriana Hidalgo. (Trabalho original publicado em 2003).
- Berlanga, M. (2018). *Una mirada al feminicidio*. Itaca.
- Brocca, V. (julho de 2016). *Necropolítica, circulación de cuerpos y capitales*. Apresentação no colóquio La idealización de Europa: Bordes entre psicoanálisis y decolonialidad, Coloquio sur, Museo Universitario de Arte Contemporáneo de la Universidad Nacional Autónoma de México.
- Feierstein, D. (2008). *Seis estudios sobre genocidio. Análisis de las relaciones sociales: Otredad, exclusión y exterminios*. Editores del Puerto.
- Foucault, M. (1978). *Vigilar y castigar*. Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1975).
- Fuentes Díaz, A. (2012). Apuntes sobre violencia, gobier-

no y subjetividad en México y Centroamérica. In A. Fuentes Díaz (ed.), *Necropolítica, violencia y excepción en América Latina*. Benemérita Universidad Autónoma de Puebla.

- Fulchiron, A. (2016). La violencia sexual como genocidio: Memoria de las mujeres mayas sobrevivientes de violación sexual durante el conflicto armado en Guatemala. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, 61(228), 391-422.
- García, K. (2018). *Poverty, gender and violence in the narration of former narcos: Accounting for drug trafficking violence* [tese de doutorado]. Universidad de Bristol.
- Mbembe, A. (2006). *Necropolítica*. Melusina.
- Núñez Noriega, G. (19 de fevereiro de 2020). Analizar las masculinidades en México. *Nexos*. <https://www.nexos.com.mx/?p=46882>
- Paz Bailey, O. P. e Figueroa, C. (2014). Masculinidad, violencia sexual y género en el genocidio en Guatemala durante el conflicto armado. *Revista Historia y Justicia*, 3. <https://journals.openedition.org/rhj/5237>
- Repórteres sem fronteiras (25 de agosto de 2022). 2022 es ya el año más mortífero para los periodistas en la historia del país. *Reporteros sin fronteras*. <https://rsf.org/es/2022-es-ya-el-a%C3%B1o-m%C3%A1s-mort%C3%ADfero-para-los-periodistas-en-la-historia-de-m%C3%A9xico>
- Segato, R. (2018). *Contrapedagogías de la crueldad*. Prometeo.
- Valencia, S. (2010). *Capitalismo gore*. Melusina.
- Valencia, S. (2018). Has llegado al fin del mundo: Aquí hay dragones endriagos. *Taller de Letras*, 63, 131-146.
- Valencia, S. e Sepúlveda, K. (2016). Del fascinante fascismo a la fascinante violencia: psico/bio/necropolítica y mercado gore. *Mitologías hoy*, 14.

Tradução do espanhol: Denise Mota